

josé peixoto

---

ensaio

teatro  
colecção



Ensaio

José Peixoto

revisão de texto: Mariana Avelãs

colecção: Tteatro

direcção gráfica e capa: Rui A. Pereira

pré-impressão: Pedro Felgueiras

impressão e acabamentos: Tipografia do Carvalhido

primeira edição: Novembro 2004

ISBN: 972-8610-41-6

depósito Legal: 217757/04

código de edição: 041013

todos os direitos reservados

© **Campo da Comunicação**

Av. 5 de Outubro, 176-4ºDtº

Apartado 14296

1064-004 Lisboa

Tel.: 21 7613210/4

Fax: 21 7613219

e-mail:

[ccomunicacao@netcabo.pt](mailto:ccomunicacao@netcabo.pt)

[www.campocomunicacao.com](http://www.campocomunicacao.com)

# ensaio **josé peixoto**

## 1ª Parte

A casa de Catarina, atriz que faz o papel de Irina, é no palco. A atriz prepara a casa para receber Inês e Sofia, atrizes que fazem Macha e Olga.

### **CATARINA |**

Não devia ficar assim. Não há razão para isso. Cada um vive como entende. Se a casa está cheia de jornais é porque compro jornais e pronto. Se há livros espalhados, é porque leio livros. A desarrumação é falta de tempo. A cabeça está organizada. Cada coisa no seu lugar. O resto é aparência.

[ faz Tai-Chi ]

Não devem ter a casa mais arrumada do que a minha. Não há roupa suja nas cadeiras, na cozinha não há loiça por lavar, a casa de banho está limpa, sanita, banheira, tudo. As toalhas não cheiram mal! Não parece a casa de uma dona de casa? Mas eu não sou uma dona de casa!

[ volta à limpeza]

Que estupidez! Podia ter dito que não. Não as convidei,

mas até fiquei contente, só as três irmãs. Não lhes vou esconder nada. Chega de limpezas.

[ toca o telefone ]

Sim? Olá. Não pode ser. Vou trabalhar. Antes estive a arrumar a casa. Não repito nada. Ouviste bem. Estive a arrumar a casa. Vou estudar o papel. Ai! Não é frieza é falta de tempo. Outro dia. Agora vou desligar. Sim, estou à espera. *Ciao.*

[ Cantando em surdina arruma a casa, o telefone volta a tocar ]

Sim? Outra vez? Não, não é possível. Mas não tenho nada que explicar. Até amanhã.

[Desliga. O telefone volta a tocar. Catarina atende furiosa.]

O que é que tu queres? Oh, peço perdão. Julgava que era outra pessoa. Desculpe. Não, não está. Sim, combinámos ensaiar. Aqui. Mas ainda não chegou. Sim já devia ter chegado, mas ainda não apareceu ninguém. Com certeza que lhe digo. Nada. Mais uma vez, desculpe.

[ Desliga ]

Irra! Desconfiado.

[ Volta à limpeza ]

Na cidade há mais pó que no campo.

[ Tocam à porta. Chega Inês ]

**INÊS** |

Boa noite. Não sei se não devia dizer antes bom dia. Porque isto já deve ser de madrugada. Para a próxima trago bússola. Agora percebo porque é que ninguém sabe onde moras. Isto é a rota da seda. Para chegar aqui é preciso ser Marco Polo.

**CATARINA |**

Arrogância de quem vive no centro.

**INÊS |**

O trauma de andar perdida. A desnorтеada da Sofia? Nunca mais atina.

**CATARINA |**

Ela sabe onde é. Já veio cá.

**INÊS |**

De táxi e contigo a dar instruções pelo telemóvel.

**CATARINA |**

Entra. E instala-te o melhor que pudeses no covil da fera.

**INÊS |**

Covil da fera?

**CATARINA |**

A cela da jovem monja que cumpre voto de castidade, num mosteiro retirado do convívio do mundo!

**INÊS |**

Não faço mais comentários. Desde que não me assaltem o carro.

**CATARINA |**

Podes ficar tranquila. Senta-te.

**INÊS |**

Isto não é um mosteiro. É uma mesquita.

**CATARINA |**

Mostro-te a casa.

**INÊS |**

Mas isto é o espaço da libertação. Percebo porque moras aqui. Por dentro justifica-se.

**CATARINA** |

Não gostas da periferia.

**INÊS** |

Confesso que não.

**CATARINA** |

Cozinha. Casa de banho.

**INÊS** |

Mas eu estou deslumbrada.

**CATARINA** |

Não te assustes. Estou o dia todo fora. Quando chego só me apetece dormir.

**INÊS** |

Mas assim não vale a pena viver longe. Ou aproveitas o teu espaço ou vives no centro.

**CATARINA** |

Passo o tempo a pensar que vou arranjar tempo para ficar em casa.

**INÊS** |

Já pensei viver numa aldeia não muito longe. Espaço, ar puro...Mas começo a pensar: o que é que eu faço com tanto ar puro? Não! Não há como sair de casa e encontrar gente.

**CATARINA** |

O campo não é o deserto.

**INÊS** |

Um apartamento na cidade talvez não seja qualidade de vida. Muito barulho, muito fumo, mas muita gente à volta.

**CATARINA** |

As pessoas são tão interessantes como na cidade.

**INÊS**

És muito generosa.

**CATARINA** |

E mais solidárias. Ao pequeno almoço tenho na porta pão acabado de fazer. Os ovos são da capoeira da vizinha. As pessoas são fantásticas.

**INÊS** |

O sonho do taxista. Voltar à terra. Alimentam o sonho cultivando pequenas hortas. Eu não tive essa sorte.

**CATARINA** |

Aqui é apenas o limite da cidade, a sua fronteira. O que me permite ver passar ovelhas a caminho do campo e não só carneiros a caminho da cidade.

**INÊS** |

E gostas de estar aqui?

**CATARINA** |

Faz parte da minha personalidade, estar a meio caminho.

**INÊS** |

Aqui isolada?

**CATARINA** |

Estou em sintonia com os outros...

**INÊS** |

O lugar da sintonia é a cidade, mesmo quando não estás disponível.

**CATARINA** |

A cidade é o lugar da pressa, onde se corre sempre, onde o tempo não tem duração, não existe para ninguém, já passou, e ninguém o domina. O tempo é um chicote que faz andar as pessoas. Não é possível contemplar nada,

porque não se pára nunca. Não se pode ouvir nada, porque todo o espaço está cheio da mesma vibração indistinta. O ar, uma nuvem que tudo oculta e sufoca. E o Sol é uma luz que não se sabe de onde vem. Não há Lua, nem estrelas. Ninguém se vê, ninguém se ouve, ninguém se saúda. A cidade é uma tortura consentida por temor do isolamento. Cada casa é uma cela e a única janela para o mundo é a televisão, que olhamos sem ver e sem ouvir e que determina o que tu és. A cidade é o lugar onde se está na verdade só.

**INÉS |**

Mas estás sempre a falar da necessidade de isolamento.

**CATARINA |**

Nunca falo de isolamento, falo porventura em recolhimento.

**INÉS |**

Espiritual.

**CATARINA |**

Na balbúrdia não consigo organizar ideias, mas não aprecio a solidão.

**INÉS |**

Solidão, isolamento, recolhimento, não é tudo a mesma coisa?

**CATARINA |**

São estados de espírito bem diferentes.

**INÉS |**

Jogos de palavras.

**CATARINA |**

Modos de viver ou sentir, para mim sempre transitórios.

**INÉS |**

Mas não gostas de estar aqui?

**CATARINA** |

Gosto. O que eu detesto é a vida doméstica. Limpar, varrer, lavar, passar a ferro. Cozinhar detesto, detesto. Prefiro não comer.

**INÊS** |

Cozinhar é cada vez mais fácil, com tantos electrodomésticos!

**CATARINA** |

Electrodomésticos! A facilidade com que fazemos um sumo. Um minuto e já está. Depois desmontas a máquina, lavas muito bem, enxugas, montas outra vez e pronto, já gastaste meia hora.

**INÊS** |

Cozinhar dá-me prazer. A Sofia? Chega quando chega.

**CATARINA** |

Já saiu de casa. O marido telefonou.

**INÊS** |

Como não sabia o caminho quis vir com ela, mas ela nunca consegue marcar horas para nada.

[ Tocam à porta. Entra Sofia. ]

**SOFIA** |

«Boa noite, porque o dia não me dá grande alegria!» Diz a coruja, que é uma ave da minha estimação. Não sei se a frase está correcta, mas a coruja tem as suas razões. Desculpem a demora. Estou mesmo transtornada. Acho que pus o pé onde não devia. Os cães têm aqui toda a liberdade. Esforcei-me tanto, queria chegar a horas. Estou farta. Vejo para aí uns filósofos com ar perdido, meditando ao pôr do sol. A filosofia portuguesa é produzida a ver o cão cagar.

**CATARINA** |

Sofia! Não sejas grosseira. Isso é tão vulgar.

**SOFIA** |

Vulgar é transformar a rua numa lixeira.

**CATARINA** |

Nem parece teu.

**SOFIA** |

Gostava de olhar para cima, pelo menos para os outros, mas não, tenho de estar sempre a olhar para onde ponho os pés.

**CATARINA** |

Não precisas estar tão irritada. Sucede a todos.

**SOFIA** |

Como é que eu posso ter um pensamento nobre, se o meu cuidado é ver o chão que piso?

**CATARINA** |

Deixa lá o sapato. Arranjo-te umas pantufas. «E pra beberi?» Talvez bebidas masculinas.

**SOFIA** |

Bebidas masculinas? Alguém já viu o sexo das bebidas?

**INÉS** |

Água é feminino. Chá é masculino. Cerveja é feminino. Vinho é masculino.

**CATARINA** |

Masculino quer dizer forte, vigoroso.

**SOFIA** |

Bagaceira é feminino e pode ser forte, pode ser mesmo muito forte.

**CATARINA** |

Bagaceira é uma alternativa ao bagaço que é masculino. A libertação da mulher pela imitação dos homens!

**INÊS** |

Vodka é feminino e é forte , é sempre forte.

**CATARINA** |

Mas é estrangeira.

**SOFIA** |

Café é masculino e pode ser fraco.

**INÊS** |

Leite é masculino, mas atendendo à origem...não sei!

**SOFIA** |

Oh! Café com leite é uma relação homossexual.

**CATARINA** |

Bebidas espirituosas.

**INÊS** |

Tenho de ir ao dicionário, mas de certeza nada tem a ver com homem.

**CATARINA** |

As bebidas estão aqui. Vou buscar gelo para o uísque da Sofia.

**SOFIA** |

Já começa a adivinhar. Tem progredido na bruxaria.

**CATARINA** |

Eu só bebo água... ou tinto. Quem me acompanha?

**INÊS** |

Deves ser a única monja budista que bebe tinto.

**CATARINA** |

É de família.

**SOFIA** |

Vou pôr o sapato na varanda.



A peça *Ensaio* foi levada a cena pela primeira vez pelo Teatro dos Aloés em 28 de Novembro de 2002, nos Recreios da Amadora. A encenação coube a José Peixoto, e a interpretação a Ana Palma, Elsa Valentim e Sílvia Filipe. A cenografia e os figurinos foram da autoria de Cátia Carvalho, a música de Rui Rebelo, e o desenho de luzes de José Manuel Rodrigues. Coube a Rui Rodrigues o grafismo.